

Sobreviver e se organizar: a classe trabalhadora e os movimentos contra a carestia no Rio de Janeiro (1913-1917)

Survive and organize: the working class and the movements against famine in Rio de Janeiro (1913-1917)

Kaio César Goulart Alves

Mestre em História

Universidade Federal de Ouro Preto

kaio.goulart@yahoo.com.br

Recebido: 27/03/2015

Aprovado: 15/06/2015

RESUMO: O artigo busca compreender o processo de organização da classe trabalhadora do Rio de Janeiro, considerando a relação existente entre os movimentos contra a carestia, promovidos em 1913 e 1917, e a propaganda e a formação de associações de tipo sindical, por meio do estudo de jornais operários e da grande imprensa do Distrito Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhadores, Carestia, Sindicalismo.

ABSTRACT: The article seeks to understand the process of organizing the working class of Rio de Janeiro, considering the relationship between the movements against famine, promoted in 1913 and 1917, and the propaganda and training of union type associations through the newspapers of study workers and the mainstream media of the Federal District.

KEYWORDS: Workers, Famine, Syndicalism.

Trabalhadores contra a carestia

Em sua formulação sobre os três povos da República (o das estatísticas, o das eleições e o das ruas), José Murilo de Carvalho observa dois aspectos importantes. Inicialmente, o historiador afirma que entre 1904 e 1922 a República brasileira viveu uma fase caracterizada pela combinação de “cooptação e repressão” dos insatisfeitos e insubordinados. Em segundo lugar, ao que parece como um desdobramento do sucesso dessa estratégia, Carvalho nos fala que a participação popular na política, durante esse período, manifestou-se apenas

em alguns poucos momentos, como na Revolta da Vacina, na Revolta da Chibata, e nas greves de 1917 e 1919.¹

Levando a sua reflexão adiante, Carvalho nos mostra que o “povo das ruas”, nas cidades, era composto por militares de baixa patente, operários e trabalhadores urbanos em geral (trabalhadores do serviço doméstico, empregados da prefeitura, do setor de transportes, e etc). No Distrito Federal, as ocupações ligadas à indústria eram maiores se comparadas ao trabalho agrícola, e lá o movimento operário se mostrou protagonista na organização e na condução dos movimentos sociais, sob uma nova roupagem, “secular”, distinta, portanto, do corte “tradicional” que havia configurado os protestos populares conduzidos no período imperial.²

Mas o “povo das ruas” mencionado por Carvalho não foi apenas aquele da Revolta da Vacina, das greves de 1917, ou da Revolta da Chibata. Observamos, com a intenção de contribuir para a compreensão das manifestações políticas do “povo das ruas”, que um episódio importante, com destaque para a história da participação popular do povo do Rio de Janeiro na Primeira República, merece ser mais conhecido pela historiografia.

O presente artigo tem a intenção de apresentar os elementos chaves de um movimento social popular que agitou a cidade do Rio de Janeiro em duas ocasiões, a primeira, no ano de 1913, e a segunda, pouco tempo depois, em 1917. Pressionada pelo aumento do custo de vida e pelo desemprego, a classe trabalhadora preparou e lançou um conjunto de movimentos de protesto, cujo interesse inicial era a manutenção de sua sobrevivência.

Os assim chamados movimentos contra a “carestia de vida” envolveram dezenas de pessoas, na organização e na participação dos protestos. Reuniões, assembleias, passeatas e comícios públicos foram os métodos de enfrentamento adotados pela classe trabalhadora. Colunas em jornais, boletins, circulares, cartas e moções registraram um pouco da dinâmica daqueles movimentos. Adiante falaremos sobre a história desses acontecimentos, que influenciaram o dia a dia da Capital Federal durante um certo período.

¹ CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da República. *Revista USP*, São Paulo, n.59, p. 96-115, setembro/novembro 2003, p. 96-98.

² CARVALHO. Os três povos da República, p. 100-109.

Ideologia, composição das forças sociais e propaganda sindicalista: o movimento contra a carestia de 1913

Era noite, 20 fevereiro de 1913. Nas mesas de muitas famílias da classe trabalhadora a farinha, a carne seca e o feijão já não constavam como antes. O custo de vida era alto, e os salários insuficientes para subsidiar as despesas básicas. A fome rodeava a porta de muitas casas do Distrito Federal. Na sede do Centro Cosmopolita, situado na Rua do Senado, nº 215, reuniam-se 300 pessoas. Associações de classe faziam-se presentes, pelo envio de delegados.³ Concluídas as intervenções, foi deliberado que o comício público seria a forma de protesto utilizada pela classe trabalhadora em seu combate à carestia. Assim começava o movimento.

Trabalhadores de correntes políticas variadas participaram daquela reunião, bem como participariam ativamente da organização e da condução dos protestos contra a carestia no primeiro semestre daquele ano. Foram oradores nos comícios públicos militantes socialistas, como o advogado Caio Monteiro de Barros e o cigarreiro Mariano Garcia, e membros de organizações clientelistas, ou colaboracionistas, à exemplo de Manoel Corrêa da Silva e José Hermes de Olinda Costa. Anarquistas e lideranças de associações de tipo sindical, como Cecílio Villar, Rozendo dos Santos, Pedro Matera, Maximiano de Macedo e Valentim de Brito, participaram assiduamente das manifestações.

Caio Monteiro de Barros assim expressou o seu o interesse de que as ideologias não “contaminassem” o combate à carestia.

Pode a carestia de vida ser sentida mais dolorosamente por uns do que outros, mas a verdade é que o operário, o funcionário público, o jornalista, o agricultor, o empregado no comércio, o advogado, o médico, o soldado, todos sem exclusão, sentem-na muito. É necessário, pois, que, agindo, o povo ponha de lado, como inconvenientes, impróprias, inteiramente prejudiciais à sua ação e à vitória da causa em debate, outra questão qualquer. Nesse momento não se trata de civilismo ou de hermismo, de republicanismo ou de monarquismo, de socialismo ou de libertarismo, de clericalismo ou de anti-clericalismo, ou de coisa semelhante terminada em *ismo*. Não.⁴

³ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de fev. 1913. p. 3.

⁴ _____, Rio de Janeiro, 25 de fev. 1913. p. 3.

No Engenho de Dentro, região suburbana da cidade do Rio de Janeiro, um dos primeiros comícios contra a carestia foi organizado. Lá destacou-se uma presença ainda pouco pesquisada nos estudos sobre o movimento operário da Primeira República. Do alto da tribuna improvisada, vestido de terno e gravata, discursava um operário negro. Era 2 de março de 1913.⁵

Logo no próximo dia 4, na Praça da República, a repressão veio montada em cavalos e com espadas nas cinturas, dispersando a multidão e impedindo a realização de um novo comício, chamado pela Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ).⁶ *A Voz do Trabalhador*, jornal porta-voz da Confederação Operária Brasileira (COB), divulgou uma nota sobre o incidente.⁷

Para confirmar tudo o que temos dito a propósito das perseguições e falta de garantias constitucionais para o povo, no dia 4, às 5 horas da tarde, pelotões de cossacos, guardas-civis e policiais às ordens das autoridades superiores invadiram a Praça da República, correndo a pata de cavalo numerosa concorrência de povo que ali se reunira em comício convocado pela Federação. Os que estavam presentes, diante da brutal atitude da polícia, percorreram várias ruas da cidade, em manifestação de protesto.⁸

Violência e fome constituíam uma combinação que poderia provocar reações pouco amistosas da parte do povo. O jornal *O Gato*, que publicava caricaturas sobre temas diversos, dedicou uma parte de seus desenhos para criticar a carestia. Em uma das caricaturas, a “fome” entregava ao “povo” vestes militares, numa alusão aos jacobinos radicais que defendiam um modelo alternativo de República para o Brasil. Ao fundo estava um edifício, que, ao que nos parece, representava a República, presidida pelo marechal Hermes da Fonseca.⁹

⁵ *A Época*, Rio de Janeiro, 03 de mar. 1913. p. 3.

⁶ _____, Rio de Janeiro, 05 de mar. 1913. p. 1.

⁷ A FORJ e a COB foram duas associações de tipo sindical orientadas pelo método de ação sindicalista revolucionário. A primeira era formada por sindicatos locais, sem distinção de ofício. A segunda possuía filiações de associações sediadas em outros estados do país. Ambas prepararam e conduziram uma série de assembleias, protestos e greves da classe trabalhadora carioca, destacando-se a organização do Segundo Congresso Operário Brasileiro, em setembro de 1913 no Rio de Janeiro. Cf. BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do movimento operário*: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

⁸ *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 de mar. 1913. p. 1

⁹ *O Gato: Álbum de Caricaturas*, Rio de Janeiro, 01 de mar. 1913. p. 8.

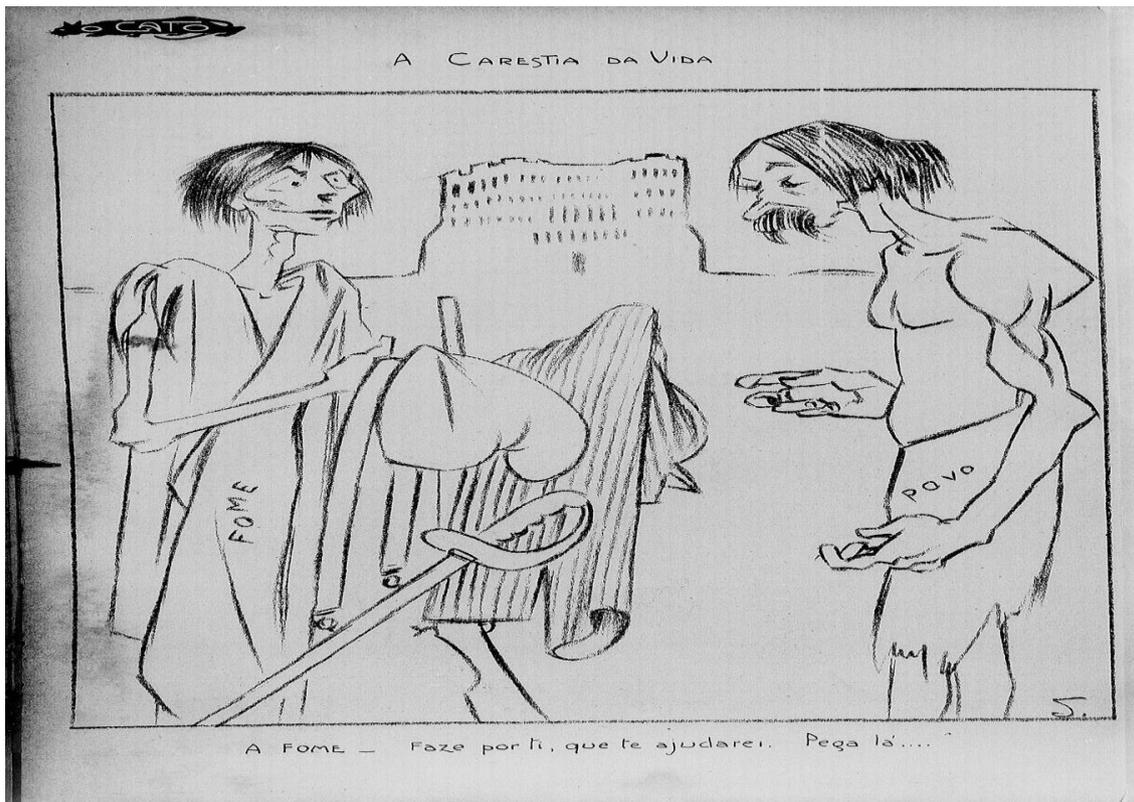


Figura 1 “A revolução do povo contra a fome”. Fonte: *O Gato: Álbum de Caricaturas*, Rio de Janeiro, 01 de mar. 1913. p. 8.

A ideia de “revolução contra a fome”, presente em algumas colunas do jornal *Correio da Manhã* - uma folha diária da grande imprensa carioca -, guardava em si duas questões de fundo. A primeira era desestabilizar o governo do marechal Hermes da Fonseca, que venceu o pleito, em 1910, numa das poucas eleições disputadas, contra Rui Barbosa, então apoiado pela oligarquia paulista. O segundo desdobramento dessa “ideia revolucionária” seria aumentar o cerco contra as lideranças operárias, especialmente os anarquistas, se por acaso eles pronunciassem apoio à dita “revolução do povo contra a fome”.¹⁰

O movimento da classe trabalhadora contra a carestia que estava em curso foi representado em alguns poemas. Na coluna “Fora do Sério”, de *A Época*, um recado era enviado em tom irônico.

¹⁰ É oportuno mencionar que os jornais *Correio da Manhã* e *A Época* faziam oposição ao governo Hermes da Fonseca (1910-1914), de modo que a exposição dessas ideias “revolucionárias” em suas páginas não era feita de maneira despropositada.

Zé povo anda exaltado.

Com o calor asfixiante que tem feito
Fervelhe o sangue: e fica de tal jeito
Que não se sente em casa sossegado

Vem para a praça pública
Grita, protesta contra a carestia;
Dá vivas à república
E vivas à anarquia.

Porém, ouvido o popular protesto,
Em lugar de acatá-lo
O governo num gesto
Dá-lhe a resposta: a pata de cavalo

Meus senhores cuidado
Com o paiol da opinião
Excessivo é o calor, e em tal estado
Não espanta que ele arda
Numa 'espontânea combustão'
E saia à rua a procissão
- Da Bernarda!¹¹

Após a realização de seis comícios no mês de fevereiro, dois deles com mais de três mil presentes,¹² as lideranças, em reunião na sede da FORJ, debateram a necessidade de dar um “caráter nacional” para o movimento contra a carestia. Dessa reunião, ocorrida no começo do mês de março, resultou um manifesto, bem como a indicação de realização de um grande comício, um “comício monstro”, com data e local pré-definidos. Um convite foi difundido na imprensa do Distrito Federal. Citamos:

Para reafirmarmos as reclamações populares contra a carestia de vida e as bases de ação com as quais melhor alcançaremos a vitória, convidamos o povo em geral a comparecer ao comício monstro que se realizará no domingo, 16 do corrente, às 4 horas da tarde, no Largo de São Francisco de Paula. Toda população sofredora deve concorrer a esta grande manifestação, de caráter nacional, pois, nela se farão representar quase todas as sociedades operárias do Brasil. **TODOS AO COMÍCIO!!**

Confederação Operária do Brasil

*Federação Operária do Rio de Janeiro*¹³

¹¹ *A Época*, Rio de Janeiro, 06 de mar. 1913. p. 2.

¹² *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de fev. 1913. p. 3.

¹³ *A Época*, Rio de Janeiro, 15 de mar. 1913. p. 3.

Às quatro da tarde, na sede da FORJ, já havia mais de 20 delegações com os seus respectivos estandartes, prontas para seguir em direção ao Largo de São Francisco de Paula, no centro do Rio de Janeiro. Diante da escadaria da Escola Politécnica, uma multidão “superior a 10 mil pessoas”¹⁴ estava presente, e ansiosa para ouvir os oradores. Ao alto era possível visualizar estandartes com os dizeres “Querem é poder! Salve o 1º de Maio”, ou “A Voz do Trabalhador contra a carestia de vida”.¹⁵

O tipógrafo anarquista Cecílio Villar discursou primeiro, e destacou que a “classe trabalhadora estava sob a exploração dos *trusts*”, havendo, portanto, a necessidade de sua organização nos sindicatos de resistência. Rozendo dos Santos, secretário geral da COB, falou da importância dos sindicatos para as lutas econômicas dos trabalhadores, e convocou-os para associarem-se.¹⁶ Logo em seguida, o tipógrafo socialista Ulisses Martins tomou a palavra, e de “modo surpreendente” passou a hostilizar a imprensa que apoiava o movimento. Após ser vaiado ele deixou a escadaria de onde falavam os oradores. Eustáquio Silva, representando a Fênix Caixeiral, discursou por último. Terminados os oradores, Cecílio Villar convidou a todos para seguirem em passeata até a sede da FORJ.¹⁷

Às cinco e meia, após o término do comício no Largo de São Francisco, os presentes passavam pela Rua do Ouvidor e pela Avenida Central. Aquela manifestação teve fim por volta das sete da noite, quando chegou a notícia de que o educador anarquista Pedro Matera havia sido preso pela polícia. Segundo *A Voz do Trabalhador*,

Num instante a rua ficou vazia. O povo todo dirigiu-se à Central de Polícia. Ao chegar, um esquadrão de polícia formou-se a frente do edifício. Inútil. O povo avançava. Subiu então uma comissão que foi se entender, em nome do povo, com o chefe de polícia, que nem falar podia. O camarada ia ser posto em liberdade no dia seguinte.¹⁸

A prisão de líderes do movimento contra a carestia ocorreu algumas vezes, considerando que tal ação constituía um recurso de intimidação dos trabalhadores. Havia um agravante, se o operário preso fosse estrangeiro, recaía sobre ele, além dos prejuízos do

¹⁴ PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael. *A Classe operária no Brasil: documentos (1889-1930)*. vol. I. São Paulo: Brasiliense/Alfa-Ômega, 1979, p. 216.

¹⁵ *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 01 de abr. 1913. p. 3.

¹⁶ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de mar. 1913. p. 3.

¹⁷ _____, Rio de Janeiro, 17 de mar. 1913. p. 3.

¹⁸ *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 01 de abr. 1913. p. 3.

encarceramento, o risco de deportação, em decorrência da Lei Adolfo Gordo, promulgada em 1907, e endurecida em 1913. Essa lei permitia, na prática, que se expulsasse do país os estrangeiros que participassem do movimento operário.¹⁹

No “comício monstro” foi lida e aprovada uma moção. Citamos:

O povo do Distrito Federal e do interior do país, representado pelas delegações de muitos Estados e localidades, resolve reclamar para todo o país a abolição das tarifas alfandegárias, dos impostos internacionais; e para esta localidade e redução de 30 por cento sobre os impostos municipais que afetam os gêneros de primeira necessidade; 30 por cento de redução sobre os atuais alugueis das casas ou habitações; a jornada de 8 horas para as classes que ainda não conquistaram, e o aumento de salário para todos os assalariados, tomando como base mínima de 7\$000 diários. Tendo em vista que os poderes constituídos como dirigentes, ou pretendidos dirigentes do povo, e da sociedade atual, instituem para todos os cidadãos a obrigação de conhecerem as leis do regime imperante e o espírito dessas mesmas leis, com mais motivo os dirigentes têm o dever de conhecer as necessidades dos cidadãos; e tendo também em vista o profundo desprezo com que os poderes têm recebido as mensagens populares, o povo resolve levar ao conhecimento de todos essas reclamações, fazendo delas a maior publicidade possível, pela imprensa, comícios, conferências, etc., declarando que desde este momento decide lutar sem descanso até conseguir as suas reivindicações. *O Comitê.*²⁰

Os redatores da moção chamam para o debate os adeptos da ideia de cidadania. O documento discorre sobre as obrigações mútuas, e expõe a assimetria que existia naquele contexto, uma vez que o Estado não cumpria os direitos dos cidadãos, mas exigia que a população respeitasse as leis do “regime imperante”.

A pauta de reivindicações do movimento também é expressa nesse documento. Ampliada, a carta de demandas abarcava a crítica ao aumento do custo de vida, passando pelas tarifas alfandegárias, pelos preços dos alimentos, e pelos altíssimos valores das habitações alugadas pelos mais pobres.

A jornada de trabalho de oito horas diárias e o aumento de salários também eram reivindicações apresentadas. Nos discursos dos oradores de alguns comícios que ocorreram

¹⁹ DULLES, J. W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. 2 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, p. 33.

²⁰ *A Época*, Rio de Janeiro, 17 de mar. 1913. p. 2.

até o mês de março, a exemplo do “comício monstro”, constava a propaganda dos sindicatos de resistência, e o chamado à classe trabalhadora para se organizar nos mesmos.²¹

A historiadora Ângela de Castro Gomes destaca a importância da militância anarquista nesse período e observa que “a bandeira do combate à carestia”, levantada pelas lideranças, encaminhava a partir do enfrentamento pela sobrevivência demandas propriamente sociais, como a jornada de trabalho de oito horas diárias, a abolição do trabalho infantil, a proteção a mulher, as melhores condições de higiene nos locais de trabalho, a diminuição dos alugueis e dos preços dos gêneros alimentícios de primeira necessidade.²²

De fato, a “questão da carestia” atormentava a população carioca há bastante tempo.²³ Durante a década de 1910, o aumento do custo de vida se deu em decorrência de três fatores: os baixos salários dos operários; a destruição dos cortiços e a especulação imobiliária; e a formação dos *trusts* que controlavam a produção dos alimentos. Sobre esse último fator, em 1913, por exemplo, um operário da seção de máquinas, segundo o índice produzido pela historiadora Eulália Lobo, destinava 72% de seu salário para a aquisição de alimentos.²⁴ Um operário tanoeiro, nesse mesmo ano, orientava a compra de gêneros de primeira necessidade 62% de seu vencimento.²⁵

A avaliação da propaganda do sindicalismo empenhada no movimento de 1913 merece a nossa apreciação. Citamos:

Desde o início desta campanha vimos demonstrando a necessidade imperiosa da organização forte das classes trabalhadoras, meio único para lutar desassombadamente e com superioridade contra o regime da fome, luta esta que se devia traduzir pelo aumento do salário equivalente ao aumento da carestia dos gêneros indispensáveis a existência, e diminuição das horas de trabalho para as classes ainda sujeitas, pela sua desunião, ao trabalho de 9 a 10 horas. [...] Como resultado dessa campanha nós temos o prazer de ver a fundação de mais dois sindicatos de classe e o aumentar dos sócios que já existiam.²⁶

²¹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 de mar. 1913. p. 3.; _____, Rio de Janeiro, 17 de mar. 1913. p. 3.

²² GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice/IUPERJ, 1988, p. 132.

²³ FICO, Carlos. *Cidade capital: abastecimento e manifestações sociais no Rio de Janeiro (1890-1945)*. 320f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 1989.

²⁴ LOBO, Eulália M. L. *História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro)*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978 (2 vols.), p. 764.

²⁵ _____. *História do Rio de Janeiro*, p. 766.

²⁶ *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 01 de mai. 1913. p. 5.

É oportuno destacar a dimensão ampliada da pauta de reivindicações e objetivos do movimento contra a carestia, uma vez que interpretações, como a do historiador Carlos Fico, não consideram esse elemento.²⁷ Segundo Fico, em 1913 o movimento teria sido direcionado para o combate dos impostos, considerando que somente em 1917, quando ocorreria outra “onda” de manifestações contra a carestia, questões propriamente sindicais seriam levantadas pelos trabalhadores.²⁸

Dando continuidade à reflexão, a compreensão da composição das forças sociais que participaram do movimento de 1913 constitui uma tarefa importante, na medida em que dois grupos foram os responsáveis pela organização da maior parte dos 29 comícios promovidos no primeiro semestre de 1913.²⁹

O advogado socialista Caio Monteiro de Barros liderou o “Comitê de Agitação Contra a Carestia de Vida”, criado após a reunião promovida no Centro Cosmopolita, em 20 de fevereiro. Seus adeptos defendiam a redução imediata dos preços dos alimentos, e adotaram como estratégia de pressão o texto da Lei da Receita Federal, aprovada em fins de 1912. Na prática, a lei era clara quanto à ilegalidade da formação de monopólios na economia brasileira.³⁰ Os trabalhadores, socialistas e colaboracionistas que atuaram no “Comitê de Agitação Contra a Carestia de Vida” promoveram nove comícios independentes.

Nas ruas a sua primeira manifestação teve início em 23 de fevereiro, por volta das quatro da tarde. A Praça Ponte das Taboas, no Jardim Botânico, foi tomada por três mil pessoas.³¹ O primeiro a discursar foi Caio Monteiro de Barros. Críticas aos monopólios, e a definição do protesto como de natureza apenas econômica ocuparam a maior parte da sua exposição.³²

²⁷ FICO, Carlos. *Cidade capital: abastecimento e manifestações sociais no Rio de Janeiro (1890-1945)*. 320f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 1989.

²⁸ FICO. *Cidade capital*, p. 147.

²⁹ ALVES, Kaio César Goulart. *Em busca das formas de consciência: as lutas operárias contra a carestia no Rio de Janeiro (1912-1918)*. 137f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em História, Mariana, 2014, p. 82.

³⁰ *A Época*, Rio de Janeiro, 24 de fev. 1913. p. 1.

³¹ FICO. *Cidade capital*, p. 137.

³² *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de fev. 1913. p. 3.

Ao caracterizar aquele comício como sem “cor política”, Caio Monteiro de Barros pretendia que as questões político-partidárias não fossem incorporadas ao movimento. O socialista defendia, no fim das contas, a formação de uma frente conjunta contra a carestia.

Ao todo, a parceria entre a FORJ e a COB promoveu 17 comícios independentes. Restam outros três dos 29, um deles foi organizado pela Sociedade Fraternidade e Progresso, outro pela Liga do Operariado do Distrito Federal, e mais um sem identificação. Pode-se concluir, assim, que o movimento de 1913 foi conduzido, sobretudo, por duas forças sociais, responsáveis, portanto, pela organização de duas campanhas.

É oportuno dizer que a “convocação” de Caio Monteiro de Barros para a formação de uma frente única contra a carestia desdobrou-se em 11 comícios, em que oradores socialistas, colaboracionistas e anarquistas compartilharam o mesmo canal de comunicação com a classe trabalhadora carioca. A carestia, por ser uma questão econômica fundamentalmente cara aos trabalhadores urbanos, sem dúvida serviu como um elemento de aproximação das lideranças. Os comícios em que houve a ação conjunta foram distribuídos da seguinte maneira: a parceria FORJ/COB convocou oito comícios; o “Comitê de Agitação Contra a Carestia de Vida” convocou dois; e a Liga do Operariado do Distrito Federal apenas um.

A partir do mês de maio, os comícios promovidos pelo “Comitê de Agitação Contra a Carestia de Vida”, bem como pela parceria entre a FORJ e a COB, diminuíram consideravelmente. A indiferença da prefeitura e da União em relação às demandas dos trabalhadores que foram às ruas foi um dos fatores de desagregação. No entanto, a necessidade de direcionar as forças para a continuidade da campanha de sindicalização dos trabalhadores fez com que parte das lideranças se concentrassem na preparação do Segundo Congresso Operário Brasileiro, previsto para acontecer em setembro na Capital Federal.³³

A continuidade expressa, entre o movimento contra a carestia do primeiro semestre, e o Segundo Congresso, pode ser percebida no fato de que 14 trabalhadores, dentre eles Cecílio Villar, Joaquim dos Santos Barbosa, Candido Costa, Antonio Moreira, Rozendo dos

³³ PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael. *A Classe operária no Brasil: documentos (1889-1930)*. vol. I. São Paulo: Brasiliense/Alfa-Ômega, 1979, p. 216.

Santos, Caralampio Trillas e Joaquim Pinto de Leal Junior tomaram parte desses dois importantes movimentos da classe trabalhadora carioca.³⁴

Primeiro de maio, greves e sindicalismo revolucionário: a campanha contra a carestia de 1917

Logo na primeira semana do ano de 1917 constava na página inicial do *Correio da Manhã* o seguinte conselho:

Espalhar a fome entre os proletários de uma cidade, onde se ostentam os palacetes, os automóveis e o luxo dos que enriqueceram pelo peculato e pela fraude, é tentar o povo a repetir entre nós uma dessas lições, salutares talvez, mas sempre trágicas e dolorosas.³⁵

O alerta presente no jornal mais popular do Rio de Janeiro indica-nos que a carestia atravessou os anos e chegara a 1917. Enquanto o custo de vida encontrava-se na razão de 128, os salários estavam na casa dos 107, segundo o índice produzido pelo historiador Sheldon Maram.³⁶

O movimento de 1913 contou com a “renovação do movimento trabalhista carioca”,³⁷ visível na reativação, iniciada em fins de 1912, da FORJ, da COB, e do jornal *Voz do Trabalhador*. A organização e condução das campanhas contra a carestia foram desdobramentos desse bom momento vivido pelo movimento operário.³⁸ Diante disso, a recessão da economia brasileira, em virtude da redução das importações e da queda dos preços dos gêneros exportados,³⁹ não constituíram fatores de impedimento para a classe trabalhadora carioca ir às ruas protestar contra a carestia.

³⁴ PINHEIRO; HALL. *A classe operária no Brasil*, p. 182-185.

³⁵ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 de mai. 1917. p. 1.

³⁶ MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 121.

³⁷ DULLES, J. W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. 2 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, p. 30.

³⁸ Registramos que Maram avalia o período que vai de 1908 a 1912-13 sob um outro olhar, mais pessimista, considerando que o pequeno número de greves implicava num “declínio vertiginoso” do movimento operário. Cf. MARAM. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro*, p. 129.

³⁹ LOBO, Eulália; CARVALHO, Lia e STANLEY, Myrian. *Questão habitacional e o movimento operário*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1989, p. 104.

Ocorre que a retomada do desenvolvimento industrial, em 1916, convivia com o aumento do custo de vida, que vinha crescendo desde 1914.⁴⁰ O mercado de trabalho mantinha-se injusto, uma vez que a economia se recuperava, mas as condições de consumo dos trabalhadores continuavam precárias.

Logo em 9 de janeiro iniciaram as primeiras movimentações para a organização de uma nova campanha contra a carestia, chamada pelas lideranças da FORJ:

Em vista da crítica e espantosa situação em que as classes menos favorecidas ficaram, em consequência da carestia dos gêneros de primeira necessidade, motivada pelos exorbitantes impostos, monopólios e 'trusts', a Federação Operária resolveu realizar brevemente uma reunião popular, afim de promover um movimento de protesto contra a carestia de vida, que atualmente se tornou insuportável. Para essa grande assembleia serão convocadas as classes e associações operárias desta capital. Prepare-se, pois, o operariado para comparecer, em massa, a esse ato a fim de reclamar os direitos conspurcados pelos exploradores das classes laboriosas.⁴¹

Na noite de 17 de janeiro, em sua sede, a FORJ organizou a primeira de algumas assembleias dedicadas ao tema da carestia. Foi deliberado pelos presentes que a organização das "comissões de agitação nos bairros" seria a primeira estratégia adotada pela classe trabalhadora em seu combate à carestia. Os membros dos subcomitês de bairro foram escolhidos secretamente, uma vez que na reunião havia policiais à paisana.⁴² Em nova reunião na sede da FORJ, no dia 21 de janeiro, foi aceita a proposta de realização dos comícios sempre aos domingos, considerando a possibilidade de maior assistência aos mesmos. Para o dia 28 de janeiro, domingo, foram programados cinco comícios em pontos distintos do Rio de Janeiro.⁴³

Nos subúrbios foi distribuído o seguinte convite:

Federação Operária do Rio de Janeiro – Convida-se o povo em geral para assistir aos comícios que se realizarão, hoje, domingo, 28, nos seguintes lugares: Madureira, às 14 horas, na estação; Engenho de Dentro, às 17 horas, na estação; Vila Isabel, às 16 horas, Praça 7; Gávea, às 16 horas, na Ponte das Taboas. Por isso, pede-se ao povo que acorde, para que não se deixe morrer de fome. Abaixo aos impostos! Abaixo à carestia de vida!⁴⁴

⁴⁰ MARAM. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro*, p. 121.

⁴¹ *A Época*, Rio de Janeiro, 9 de jan. 1917. p. 5.

⁴² *A Época*, Rio de Janeiro, 18 de jan. 1917. p. 3.

⁴³ _____, Rio de Janeiro, 22 de jan. 1917. p. 1-2.

⁴⁴ _____, Rio de Janeiro, 28 de jan. 1917. p. 1.

No Engenho de Dentro, a partir das quatro da tarde, mil operários acompanharam Valentim de Brito, que havia chegado do comício ocorrido em Madureira, Bento Alves e Alvaro Silveira.⁴⁵ Na Praça Sete de Março, no bairro de Vila Isabel, local onde residia grande número de operários em virtude das fábricas têxteis lá instaladas, Manoel da Silva e Henrique Castanheda foram os oradores. Ambos “formularam violentos protestos contra os homens do governo e contra os exploradores da bolsa do proletariado”. O policiamento foi feito por 10 soldados de infantaria, 10 de cavalaria, 20 guardas civis e alguns agentes de polícia. Além disso, o 2º Delegado Auxiliar percorreu de automóvel todos os pontos onde se realizaram comícios naquele dia.⁴⁶ Madureira, Gávea e Engenho de Dentro inauguravam a série de comícios dominicais promovidos pela FORJ.

No Estácio de Sá, às cinco da tarde, em 31 de janeiro, “a despeito da calidez da temperatura e de não ser também o local apropriado para tal fim”, “regular concorrência” compareceu ao novo comício promovido pela FORJ. “Alguém se lembrou de arranjar uma escada e assim foi, de pronto, improvisada uma tribuna, tendo então começado o ‘meeting’”.⁴⁷

Sobre os homens que às vezes subiam nessas tribunas improvisadas, o *Correio da Manhã* observou que

[...] Não cursaram academias, não usam gravatas de cores espetaculosas ou berrantes, não calçam luvas, jamais se sentaram a uma mesa do Assyrio e nem sabem mesmo o que isso seja, e tinham na sua linguagem o colorido mais exato e a expressão mais justa, porque, sendo os que produzem, são também os que nada tem!⁴⁸

⁴⁵ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 de jan. 1917. p. 1.

⁴⁶ _____, Rio de Janeiro, 29 de jan. 1917. p. 3.

⁴⁷ *A Época*, Rio de Janeiro, 1 de fev. 1917. p. 1.

⁴⁸ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 31 de jan. 1917. p. 1.

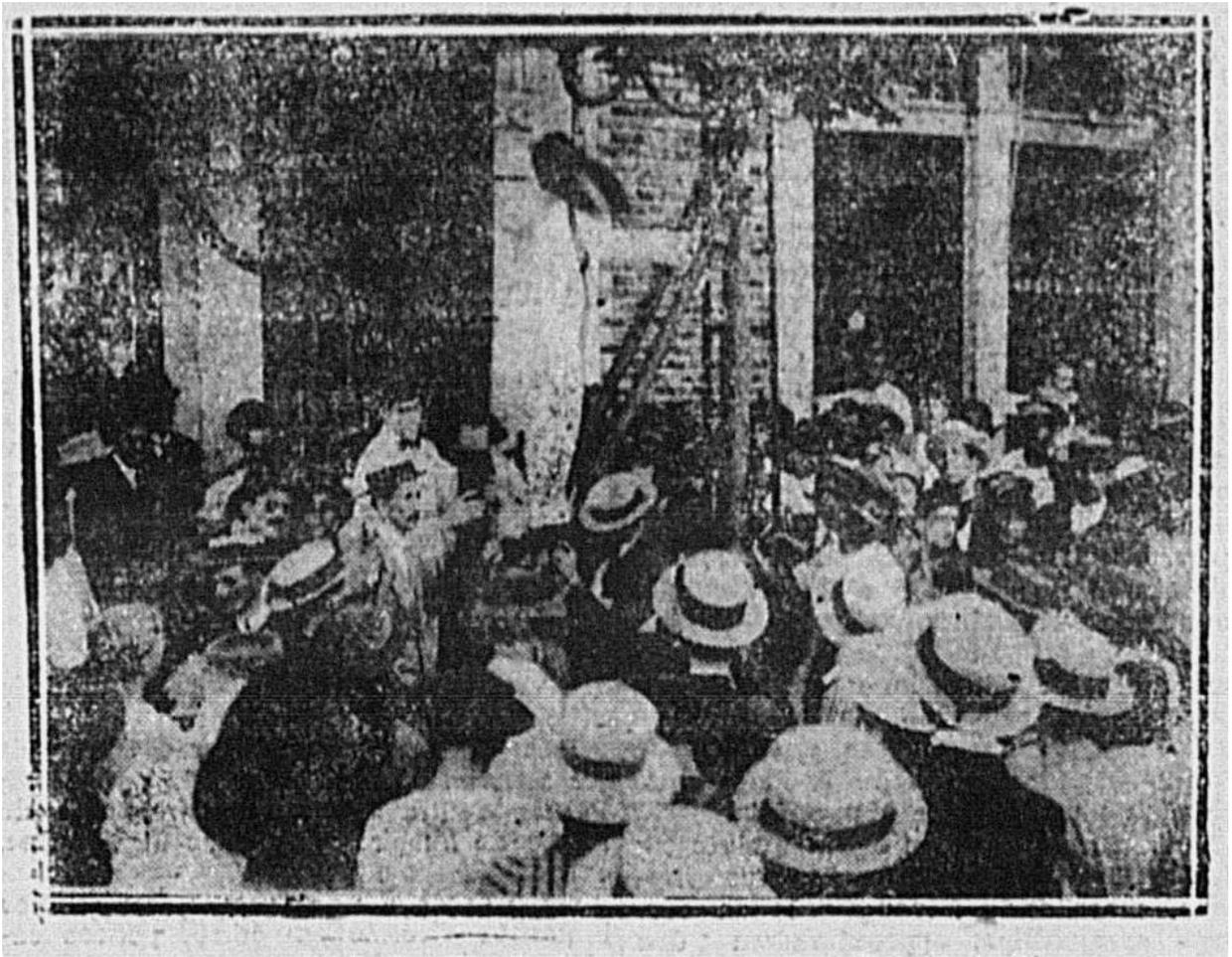


Figura 2: Comício no Estácio de Sá. Fonte: *A Época*, Rio de Janeiro, 1 de fev. 1917. p. 1.

Em 25 de fevereiro foram organizados outros três comícios. Na Ponte das Taboas, Gávea, às quatro da tarde, Joaquim Campos “começou o seu discurso atacando o governo do Sr. Venceslau Brás com frases ásperas e violentas”. Pedro Matera, adiante, “passou a atacar, energeticamente, os que se aproveitam do trabalho do operário, deixando-o na miséria e com ele os que lhe são caros”. Embora estrangeiro, Pedro Matera fez questão de lembrar que vivia no Brasil desde os cinco anos de idade, e que “o operário, pugnando pelo seu direito, pugnava pelo povo”. Joaquim Campos tomou a palavra novamente, e disse que “combatia os que não trabalham vivendo do suor do operário”.⁴⁹

⁴⁹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de fev. 1917. p. 3.

Novas manifestações foram promovidas pela FORJ. Em 4 de março dois comícios foram organizados, um na Praça Onze de Junho, e outro na Praça da Harmonia.⁵⁰ O que se destacou em ambos foi o pronunciamento de princípios da doutrina anarquista. Após se declararem libertários, “longas considerações elogiosas” foram feitas a ideologia.⁵¹

Em linhas gerais, o historiador Tiago Bernardon de Oliveira menciona que, mesmo tendo em vista “as múltiplas correntes internas”, e muitas delas “conflitantes entre si”, é possível afirmar que “a aversão ao Estado, a defesa intransigente da liberdade individual, e a ação direta são elementos presentes, pelo menos em teorias e discursos, dos que se diziam anarquistas no Brasil.”⁵²

As distinções e assimilações entre o anarquismo e o sindicalismo revolucionário fazem parte do leque de questões atualmente discutidas pela História Social do Trabalho feita no Brasil.⁵³ O sindicalismo revolucionário, segundo a historiadora Edilene Toledo, era, antes de qualquer coisa, uma prática sindical, uma corrente autônoma que defendia a luta de classes. Por ser neutra em termos ideológicos, ela permitia a atuação de lideranças provenientes de correntes políticas variadas, como socialistas, “sindicalistas puros” e anarquistas.⁵⁴ Toledo também observa que se havia espaço para a pluralidade ideológica nas organizações sindicais de ação direta, não se pode afirmar a predominância de militantes anarquistas. Afinal, “o critério para a participação no sindicato era ser trabalhador, e não anarquista, socialista ou de outra tendência semelhante”.⁵⁵ Além disso, a luta reformista, “visando conquistas dentro do sistema existente”, era uma característica importante das organizações sindicalistas revolucionárias.⁵⁶

⁵⁰ *A Época*, Rio de Janeiro, 5 de mar. 1917. p. 2.

⁵¹ _____, Rio de Janeiro, 5 de mar. 1917. p. 2.

⁵² OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. 267f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 2009, p. 58.

⁵³ TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004a; _____. *Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2004b; OLIVEIRA. *Anarquismo, sindicatos e revolução*; MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidão e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Editora Bom Texto, 2008.

⁵⁴ _____. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário*, p. 53.

⁵⁵ TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004a, p. 70.

⁵⁶ _____. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário*, p. 53.

Oliveira destaca que a relação entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo é de difícil delimitação.⁵⁷ No entanto, de modo distinto ao que propõe a tese de Toledo, para Oliveira o sindicalismo revolucionário não foi uma corrente autônoma, mas sim um “método de ação”, cuja projeção atingida foi aumentada, sobretudo, pela intensa militância anarquista.⁵⁸

O historiador Marcelo Badaró Mattos, por sua vez, destaca que mesmo havendo a possibilidade das diretrizes sindicalistas serem adotadas por diferentes correntes políticas, predominava, no âmbito de entidades sindicalistas revolucionárias como a COB, a combinação da concepção sindical com o ideário político anarquista, “como se observa pelos artigos doutrinários de fundo anarquista publicados no jornal *A Voz do Trabalhador*, portavoz da COB”.⁵⁹

A campanha contra a carestia de 1917, em uma de suas reuniões, ocorrida em 26 de março na sede da FORJ, produziu um manifesto, a partir do qual podemos levar adiante a reflexão sobre a delimitação da experiência anarquista e sindicalista revolucionária. A ideia chave do “Manifesto de 26 de Março” era preparar uma grande manifestação para a celebração do Primeiro de Maio daquele ano.

Realizando o grande comício a Federação Operária do Rio de Janeiro tem em vista organizar o proletariado em geral para, de acordo com os seus princípios, preparar-se para as lutas de ação direta das nossas reivindicações, sendo o seu programa: a) a jornada de 8 horas, aumento de salário e fixação de salário mínimo; b) a abolição do trabalho infantil nas fábricas e oficinas; c) equiparação do salário da mulher ao do homem; d) responsabilidade dos patrões nos acidentes de trabalho; e) a higiene, ventilação e luz nas fábricas, oficinas, cozinha de hotéis, padarias e em todos os departamentos de trabalho; f) diminuição de 30% nos aluguéis das casas; g) criar escolas racionalistas; h) diminuição dos preços nos meios de locomoção, tanto terrestre como fluvial; i) diminuição imediata nos preços dos gêneros de primeira necessidade; j) pagamento pontual nas fábricas, nas oficinas e em todos os departamentos de trabalho; k) combater o álcool; Conseguiremos tudo isto?! Sim! Quando todos os trabalhadores tiverem a compreensão exata da necessidade inadiável de organizarem-se em sindicatos profissionais de resistência, para unidos em uma só comunhão de ideias construirmos a barreira indestrutível e

⁵⁷ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. 267f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 2009, 64.

⁵⁸ _____. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil*, p. 66.

⁵⁹ MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidãos e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Editora Bom Texto, 2008, p. 128.

preciosa para a emancipação completa da humanidade. Avante, pois, trabalhadores! Uni-vos porque a União faz a Força! Viva a solidariedade dos trabalhadores! Viva a emancipação social. Viva a Liberdade.

Federação Operária do Rio de Janeiro, Liga F. dos Empregados em Padaria, Sindicatos dos Sapateiros, Sindicato de Ofícios Vários, Centro Operário dos Carmoristas, Centro Cosmopolita, Sindicato Operário de Pedreiros, Centro dos Carregadores do D. Federal, União dos Oficiais de Barreiro, Grupo dos Jovens Libertários, Associação dos Empregados das Capatazias da Alfandega.⁶⁰

Destaca-se no Manifesto a combinação entre princípios como o combate ao alcoolismo e a criação de escolas racionalistas, com a luta por direitos sociais e pela melhora nas condições de consumo dos trabalhadores. Em alguma medida esse manifesto representa aspectos importantes do sindicalismo revolucionário carioca da Primeira República. De modo preciso, 11 organizações de tipo sindical assinaram um documento, que combinava demandas propriamente sindicais (salário mínimo, jornada de trabalho, abolição do trabalho infantil) e princípios anarquistas.

A atuação da FORJ e da COB, sobretudo a partir do movimento de 1913, contribuiu para a organização, para o desenvolvimento da cultura associativa da classe trabalhadora do Rio de Janeiro, entendida como o seu hábito de associar-se. Citamos:

O operariado do Rio de Janeiro, que estava na sua maior parte desorganizado, inicia agora entusiasticamente a sua organização em associações das diversas classes a que pertence. Os movimentos germinam por toda a parte. Os operários reconheceram a necessidade inadiável do congregamento de suas forças para, com altivez e dignidade, reivindicar os seus direitos. É assim que diversas classes já se organizaram e outras estão em via de organização. Na sede da Federação Operária organizou-se, no dia 28 do mês próximo passado, a classe da construção civil, fazendo ressurgir, com o número de quinhentos operários, a União Geral da Construção Civil. Em Vila Isabel fundar-se-á brevemente, contando já com cerca de oitocentos sócios, a União Operária de Vila Isabel. Na Gávea funda-se, na próxima semana, a União dos Operários das Fábricas de Tecidos da Gávea, que também já tem quinhentos e tantos associados. No Barreto, em Niterói, organizam-se hoje os cocheiros e carroceiros e classes anexas, por iniciativa de dois valentes companheiros da Federação Operária. Surge também um movimento surdo, mas intenso, em meio dos alfaiates, o que fara, por certo, reviver a União dos Alfaiates. Em Santa Cruz um 'comitê' local, incumbido de organizar os magarefes. E assim, por diversos bairros, estão várias classes em via de organização. Não há dúvida que os trabalhadores compenetraram-se de que só podem ser

⁶⁰ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de mar. 1917. p. 2.

fortes quando unidos; que só podem defender firmemente os direitos quando fortes.⁶¹

As celebrações do Primeiro de Maio de 1917 foram influenciadas por esse clima de organização vivenciado pela classe trabalhadora carioca.

Os delegados da FORJ reuniram-se terça-feira à tarde, nas proximidades da casa de saúde do “Dr. Criciúma Filho”, e lá hastearam uma “bandeira vermelha, com os dizeres – ‘Salve Internacional Brasil’ –”.⁶²

Vendedores ambulantes organizaram pela Praça do Senado seus tabuleiros de frutas, doces, sorvetes e refrescos. A força policial lotada para cobrir o comício de Primeiro de Maio na Capital Federal era de 30 praças de cavalaria, e 20 de infantaria, às ordens do tenente Mario Limoeiro. Havia também 30 guardas civis, subordinados ao major Bandeira de Mello, e mais um elevado número de agentes de polícia. Sob o comando de todos estava o 2º Delegado Auxiliar Osório de Almeida.⁶³ As forças de repressão fizeram-se presentes em grande número.

Uma “multidão” de aproximadamente 20 mil pessoas ocupou a Praça do Senado.⁶⁴ Antes de iniciarem os discursos, foi distribuído para os presentes o “Manifesto de 26 de Março”.

Maximiano de Macedo foi o primeiro a discursar, lembrando os comícios contra a carestia realizados aos domingos até aquele momento pela FORJ, e ressaltando a sua importância. Paschoal Gravina afirmou que “quando fosse chegada a hora suprema, era preciso que o povo agisse com energia, indo aos armazéns, onde os gêneros que faltam no lar do operário ali se empilham e se acumulam”.⁶⁵ Em seguida falou Bento Alonso, em nome do Centro Cosmopolita. Ele disse ser espanhol, e não temer por isso, pois, ali o que fazia era empregar “o melhor dos seus esforços em favor dos seus irmãos de trabalho e em favor da humanidade”. No mesmo sentido falou José Cayazzo, do Sindicato dos Sapateiros. Theodoro Silva, em “linguagem acalorada”, disse que havia participado dos protestos contra

⁶¹ *A Época*, Rio de Janeiro, 1 de abr. 1917. p. 5.

⁶² *A Época*, Rio de Janeiro, 2 de mar. 1917. p. 4.

⁶³ *A Época*, Rio de Janeiro, 2 de mai. 1917. p. 4.

⁶⁴ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 de mai. 1917. p. 1.

⁶⁵ *A Época*, Rio de Janeiro, 2 de mai. 1917. p. 4.

a vacina obrigatória em 1904, “e que do mesmo modo estava pronto à ação para a reivindicação dos direitos do proletariado”. Adiante falou Licínio de Almeida, pela União da Construção Civil. O operário José Romero o sucedeu, com um discurso “longo e vibrante”, que justificou a atitude de protesto dos trabalhadores do Distrito Federal em face “dos acontecimentos que absorvem o mundo e afetam a classe operária”.⁶⁶

Marcos de Brito tomou a palavra, e justificou a carestia pelos “trapiches abarrotados de gêneros por conta dos exploradores”. Adiante, Maximiano de Macedo encerrou o comício, e pediu que após o cumprimento das sociedades operárias, em préstito no sentido à sede da FORJ, os presentes voltassem para as suas casas com calma.⁶⁷

Por volta das 6 da tarde o comício foi encerrado. E a “multidão” saiu em passeata, passando pelo Centro Cosmopolita e o *Jornal do Brasil*, até chegar à sede da Federação Marítima. Havia à frente da passeata uma bandeira rubra na qual se lia: “Salve a Internacional dos Trabalhadores!”. Após a passagem pela Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, o préstito seguiu pela Rua Acre, cumprimentando, à sua passagem, os estivadores, carregadores, operários municipais, cigarreiros e operários de artes gráficas. Durante todo o trajeto foram cantadas canções de trabalho e a “Internacional”. Às sete da noite a passeata chegou à sede da FORJ, concluindo a celebração do Primeiro de Maio na Capital Federal.⁶⁸

No movimento de 1917 foram promovidos 33 comícios, entre os meses de janeiro, fevereiro, março e abril.⁶⁹ Milhares de operários acompanharam os *meetings*, que se comparados ao movimento de 1913, alcançaram mais pessoas, devido à série dominical e à organização dos subcomitês de bairro, como os de Vila Isabel e Engenho de Dentro. A FORJ teve uma parcela de contribuição significativa na condução da campanha, expressa nos comícios, reuniões, assembleias e debates por ela organizados.

Após o refluxo dos comícios, o combate à carestia se fez em outros espaços. Episódios marcantes na história do movimento operário brasileiro, as greves que

⁶⁶ _____, Rio de Janeiro, 2 de mai. 1917. p. 4.

⁶⁷ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 de mai. 1917. p. 1.

⁶⁸ *A Época*, Rio de Janeiro, 2 de mai. 1917. p. 4.

⁶⁹ ALVES, Kaio César Goulart. *Em busca das formas de consciência: as lutas operárias contra a carestia no Rio de Janeiro (1912-1918)*. 137f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em História, 2014, p. 117.

despontaram em julho de 1917, nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, foram influenciadas pelos movimentos contra a carestia. No Distrito Federal, os grevistas utilizaram o “Manifesto de 26 de Março” no momento de apresentar as suas demandas.

A FORJ, em decorrência da greve geral ainda em desenvolvimento em São Paulo, declarou que “cada classe tinha o direito de agir com a máxima liberdade”, caso fosse de seu interesse acompanhar os movimentos grevistas do estado vizinho.⁷⁰

A greve no Distrito Federal teve início nas fábricas de móveis Moreira Mesquita e Leandro Martins, em 18 de julho. Em 19 de julho, seguiram-se as paredes dos operários das fábricas Companhia Red-Star, Carlos Landis, Auler & C, Luzo Brasileiro e José Siqueira. Essas oficinas “conservaram-se fechadas e guardadas à distância por policiais”.⁷¹

Ainda em 19 de julho a FORJ pretendia realizar uma passeata, cuja finalidade era conseguir a adesão dos trabalhadores que estivessem em serviço. A polícia, no entanto, declarou através de Pereira Guimarães, delegado do 4º Distrito, que a passeata estava impedida.⁷²

Em 1917 foram promovidas 13 greves no Distrito Federal.⁷³ Nesse contexto, as críticas à carestia não cessaram, uma vez que nenhuma medida jurídica havia sido tomada para solucionar a velha questão.

Com as vitórias parciais dos movimentos grevistas em São Paulo e no Rio de Janeiro, ficou mais claro para uma importante parcela da classe trabalhadora a força que ela possuía caso se organizasse para lutar por seus direitos. E essa consciência sem dúvida foi alcançada também em função dos movimentos contra a carestia, não somente pela propaganda do sindicalismo, ou pelos sindicatos criados, mas também pela reocupação das ruas feita pela classe trabalhadora, afinal, milhares de trabalhadores participaram dos 62 comícios promovidos. As classes dominantes, por sua vez, tomaram consciência de que o povo, quando organizado, possuía um poder que não deveria ser subestimado.

⁷⁰ *A Época*, Rio de Janeiro, 18 de jul. 1917. p. 3.

⁷¹ _____, Rio de Janeiro, 20 de jul. 1917. p. 1

⁷² _____, Rio de Janeiro, 20 de jul. 1917. p. 1

⁷³ MATTOS, Marcelo Badaró (org.). *Trabalhadores em greve, polícia em guarda*. Greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca. Rio de Janeiro: Bom Texto / Faperj, 2004, p. 139.

Conclusão

Tendo em vista encaminhar as considerações finais do artigo, julgamos oportuno mencionar a representação produzida pelo escritor Lima Barreto a respeito da carestia, em uma crônica publicada no jornal *O Debate*, em 15 de setembro de 1917. Citamos:

As várias partes do nosso complicadíssimo governo se têm movido para estudar e debelar as causas da crescente carestia dos gêneros de primeira necessidade à nossa vida. As greves que têm estalado em vários pontos do país muito têm concorrido para esses passos do Estado. Entretanto, a vida continua a encarecer e as providências não aparecem.⁷⁴

Adiante o escritor afirmava que o aumento do custo de vida estava relacionado à lógica do capitalismo monopolista.

O açúcar, por exemplo, que descera de preço nestes últimos anos, é um caso típico da ladroeira capitalista, da mais nojenta. Os usineiros e os seus comparsas, comissários, etc., no intuito de esfolarem a população nacional ou residente no Brasil, descobriram que o melhor meio de o fazerem era vender grandes partidas, para o estrangeiro, pela metade do preço por que as vendem aqui.⁷⁵

A carestia também atingia outros gêneros, como o feijão e a carne. A situação era crítica. Barreto então afirmava que o seu combate deveria considerar o uso da “violência”.

O povo até agora tem esperado por leis repressivas de tão escandaloso estanco, que é presidido por um ministro de Estado. Elas não virão, fique certo; mas há ainda um remédio: é a violência. Só com a violência os oprimidos têm podido se libertar de uma minoria opressora, ávida e cínica; e, ainda, infelizmente, não se fechou o ciclo das violências.⁷⁶

Segundo Barreto, o ministro da economia era aliado dos empresários formadores de *trusts*. Já o congresso, os juízes e os tribunais, contavam com o apoio das forças de repressão, de modo que o “saque legal” obtinha suportes. A sua defesa de uma atitude pautada na “violência” merece ser avaliada em relação a esse contexto.

É doloroso chegar a semelhante conclusão; é doloroso ver tanto sangue generoso derramado, tanta lágrima chorada, tanto estudo, tanta abnegação, tanto sacrifício, tanta dor de grandes homens e daqueles que

⁷⁴ FARIA, Antonio Augusto Moreira de; PINTO, Rosalvo Gonçalves. *Lima Barreto: antologia de artigos, cartas e crônicas sobre os trabalhadores*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012, p. 34.

⁷⁵ FARIA, Antonio Augusto Moreira de; PINTO, Rosalvo Gonçalves. *Lima Barreto: antologia de artigos, cartas e crônicas sobre os trabalhadores*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012, p. 37.

⁷⁶ FARIA; PINTO. *Lima Barreto*, p. 38.

os amaram e apoiaram, é doloroso, dizia, ver acabar tudo isto nas mãos de um tipo alvar, idiota, ignorante, cômico e cínico, como Zé Bezerra, para, com o trabalho de tantas gerações e a meditação de tantos sábios, trabalho e meditação que estão nas máquinas de suas usinas e nos processos do fabrico, esfomear um país e rir-se de sua miséria.⁷⁷

Diante dos desafios apresentados à classe trabalhadora, Barreto concluía em alto e bom francês: “*Rira mieux qui rira le dernier...*”.

Destacamos aqui que, diante das precárias condições de vida vivenciadas na Capital Federal, com ênfase no acesso à alimentação, a manutenção da sobrevivência da classe trabalhadora constituiu o objetivo primordial dos movimentos contra a carestia, em 1913 e em 1917.

Havia, no entanto, outras dimensões na participação daquele “povo das ruas”. Como pudemos observar, a classe trabalhadora estava interessada na conquista de um conjunto de direitos sociais que ia além da melhora de suas condições de consumo (alimentação, moradia, e etc), como a jornada de trabalho de oito horas diárias, a equiparação salarial entre homem e mulher, o salário mínimo, ou a abolição do trabalho infantil, considerando que para manter tais direitos, a organização nas associações de tipo sindical era fundamental. Os enfrentamentos contra a carestia, sobretudo a partir da campanha promovida pela “dobradinha” FORJ/COB, foram responsáveis por uma intensa propaganda do sindicalismo que se apoiava nas greves, e, segundo as avaliações das lideranças, em decorrência dessa propaganda novos sindicatos foram criados. Finalmente, alguns princípios do ideário anarquista eram difundidos nas manifestações, a exemplo do combate ao alcoolismo e a criação de escolas racionalistas.

Nesses termos, a luta pela sobrevivência, e a campanha pela organização da classe trabalhadora nos sindicatos, destacaram-se nos movimentos contra a carestia, em 1913 e em 1917. Esses movimentos merecem, por fim, serem identificados como expressões políticas do “povo das ruas” que habitava a Capital Federal.

⁷⁷ _____. *Lima Barreto*, p. 39.